vinetur

Exportações de vinho da União Europeia caíram 6,8%, para 15,4 mil milhões de euros

As vendas para os EUA caíram 15,3%, com quebras mais acentuadas nos vinhos engarrafados e espumantes do que nos vinhos a granel, de menor custo

segunda-feira, 16 de novembro de 2026



As exportações de vinho da União Europeia para países terceiros caíram 6,8% em valor entre setembro de 2025 e agosto de 2026, para 15,4 mil milhões de euros, segundo dados apresentados numa reunião do setor vitivinícola da Copa-Cogeca, em Bruxelas, a 13 de novembro, e publicados pela Legacoop Agroalimentare. Os volumes exportados também diminuíram, 3,3%, para 27,5 milhões de hectolitros, reforçando os sinais de pressão num setor que já enfrenta colheitas mais pequenas, procura fraca e níveis elevados de existências.

Os dados apontam para uma pressão generalizada sobre o mercado vitivinícola da UE, com alguns dos principais países de destino a registarem quebras significativas. As vendas para os Estados Unidos caíram 15,3% em valor no período, enquanto as exportações para o Canadá recuaram 11%, para a Suíça 9,2% e para o Reino Unido 3,9%. Dois mercados evoluíram em sentido contrário: a Rússia cresceu 17,5% e Hong Kong 10,9%. Ainda assim, estes aumentos não foram suficientes para compensar as perdas nos principais destinos tradicionais.

Os dados do comércio revelaram também uma alteração na composição dos produtos vendidos no estrangeiro. As exportações de vinho a granel aumentaram 5%, e os envios de vinho em bag-in-box cresceram 3,4%. As exportações de vinho engarrafado caíram 7,5%, e as de espumante diminuíram 6,2%. Esta tendência sugere um desempenho mais fraco nas categorias de maior valor acrescentado e embaladas, enquanto os formatos de menor custo resistiram melhor.

Para as empresas de bebidas, a quebra nos principais mercados de exportação poderá aumentar a pressão para reavaliar a exposição aos mercados, os preços e a gestão de existências na maior região exportadora de vinho do mundo. Os produtores poderão também ter de tomar decisões mais difíceis sobre como equilibrar a oferta com a desaceleração da procura nos mercados principais.

A quebra das exportações ocorreu quando a produção de vinho e mosto da UE para 2026/27 foi estimada em menos 4% do que na colheita anterior e cerca de 8% abaixo da média dos últimos cinco anos. Os dados da Copa-Cogeca, ainda sujeitos a revisão até serem confirmados pelas autoridades estatísticas nacionais, foram discutidos numa reunião em que participaram o presidente da Legacoop Agroalimentare, Cristian

Maretti, e Valentina Sourin, responsável pelo setor vitivinícola do grupo. Segundo a Legacoop, os participantes debateram também o futuro da Política Agrícola Comum da União Europeia, os orçamentos do setor, as regras de cofinanciamento, o âmbito das medidas de apoio e os vinhos naturalmente pouco alcoólicos.

Itália, Espanha e França continuaram a ser os principais produtores da UE, representando, em conjunto, cerca de 82% da produção total. No entanto, as condições meteorológicas voltaram a afetar a produção em várias regiões. Segundo as organizações, a seca, as ondas de calor, as geadas primaveris e o granizo reduziram os rendimentos em algumas zonas do bloco. A colheita mais pequena não aliviou a pressão sobre o mercado, uma vez que foi acompanhada por um consumo fraco, preços em queda e existências ainda elevadas.

O consumo mundial de vinho foi estimado em 221 milhões de hectolitros, o nível mais baixo em mais de 30 anos. A quota da UE no consumo mundial de vinho também diminuiu, passando de quase 60% em 2000 para 48% atualmente, segundo os dados apresentados em Bruxelas. Os vinhos tintos e rosés, bem como os vinhos correntes, foram apontados como os segmentos mais expostos.

A Itália continuava a ser considerada o maior produtor mundial, com 41,1 milhões de hectolitros, mas este valor representava uma queda de 7,6% face a 2025 e era cerca de 10% inferior à média dos últimos cinco anos. As quebras mais acentuadas foram registadas nas regiões do sul, afetadas pela seca e pelas temperaturas elevadas, com a Sicília e Abruzzo entre as zonas sob maior pressão.

A produção de Espanha deveria aumentar 3%, para 34,5 milhões de hectolitros, embora os preços baixos continuassem a prejudicar a rentabilidade das vinhas. França deveria produzir 33,8 milhões de hectolitros, menos 2% do que em 2025 e cerca de 15% abaixo da média dos últimos cinco anos, enquanto o país prosseguia também um programa de arranque de vinhas em grande escala.

Luca Rigotti, presidente do grupo de trabalho sobre o vinho da Copa-Cogeca, afirmou que o setor precisa de investir mais na inovação, na sustentabilidade e na qualidade, bem como de diversificar mais os produtos e aceder a novos mercados. O debate em Bruxelas centrou-se também na forma de proporcionar aos produtores instrumentos

mais eficazes de gestão do mercado e apoio suficiente para se adaptarem à crescente instabilidade das condições climáticas e à evolução menos favorável das tendências comerciais.